

SARNEY

14 NOV 1986

JORNAL DA TARDE



O presidente chega hoje a São Luís, onde vota amanhã no ex-adversário Epitácio Cafeteira, da Aliança Democrática.

César Mesquita garantiu que o presidente não sairá de sua residência, na praia do Calhau.

Para deputado estadual o presi-

dente não precisou procurar muito um candidato: vai votar no sobrinho, Sarney Neto. Para deputado federal, menos ainda: votará para reeleger

As 8 horas de amanhã o presidente Sarney estará no Colégio Centro Calxeiral, na praça Benedito Leite, em São Luís, já pronto para colocar o primeiro voto na urna da 117.ª Seção Eleitoral. O Maranhão, seu Estado, é um dos poucos lugares onde o presidente não precisa ocultar suas preferências. Lá, Epitácio Cafeteira, o incômodo adversário durante 18 anos, já domina pelo menos 65% dos votos, segundo as pesquisas e está apoiado pelo PMDB e pelo PFL, ou seja, é o candidato da Aliança Democrática ao governo do Maranhão.

O porta-voz da Presidência da República, Fernando César Mesquita, disse ontem que o presidente Sarney não tem outros compromissos a cumprir em São Luís, além do dever de votar. Mas, de qualquer forma, estará desembarcando na cidade hoje às 17 horas e 10 minutos, com tempo suficiente para receber amigos, manter encontros e reuniões. Fernando

seu filho, Sarney Filho. Américo Cordeiro, do PMDB, é um dos candidatos do presidente para o Senado. O segundo ainda é segredo.

O presidente decola de Brasília hoje, às 15 horas, em companhia do ministro dos Transportes, José Renaldo Tavares, que também vota no Maranhão, e do ministro Bayma Denis, cujo título de eleitor é de Brasília e só poderá votar quando retornar com o presidente do Maranhão amanhã, às 11 horas e 20. Em São Luís o presidente já encontrará o ministro Renato Archer, da Ciência e da Tecnologia, que depois de votar também retornará com a comitiva presidencial a Brasília. Dona Marly Sarney, mulher do presidente, e seus três filhos, Fernando, Sarney Filho e Roseana, já estão em São Luís e não integram a comitiva, de cerca de 30 pessoas, entre convidados, segurança e pessoal de apoio que viaja hoje com Sarney.

Ele insiste no mandato de 6 anos

"Sim. Devo permanecer até o final do meu mandato que será ratificado pela Assembleia Nacional Constituinte." Essa foi a resposta explícita do presidente José Sarney durante a entrevista concedida à enviada especial do Jornal francês La Croix, quando indagado se tinha a intenção de permanecer seis anos no governo, até o final de seu atual mandato, ou convocaria eleições diretas para a Presidência da República após os primeiros quatro anos, como desejava o presidente Tancredo Neves. Essa resposta taxativa do chefe de Estado não dá margem a erro de interpretação sobre suas futuras intenções políticas. Seu objetivo, portanto, é o de permanecer os seis anos, sendo que para isso espera obter um aval da Assembleia Nacional Constituinte. Numa outra entrevista exclusiva, concedida ao matutino Le Figaro, o presidente José Sarney se declara um homem fiel às suas origens. Originário de um dos estados do Norte mais pobres do País e que jamais perdeu de vista os problemas sociais do País. Assim sendo, define-se como um homem de centro, liberal, com uma grande visão dos problemas sociais e acrescenta: "Isso talvez signifique que eu seja de centro-esquerda".

Nessas duas primeiras entrevistas exclusivas concedidas à imprensa francesa, o presidente da Repú-

blica procura tranquilizar os investidores externos em relação à Constituinte, dizendo que toda reforma mais profunda num país provoca uma certa perplexidade, sobretudo na área do capital estrangeiro. E ainda garantiu: "Não há nenhum risco, nenhum perigo que o País ou a Constituinte se engaje num sistema de nacionalizações ou de socialização da economia". Quanto à reforma agrária ele disse que ela será feita em função das possibilidades do País, pois o que se pretende é realizar "uma reforma agrária e não uma revolução agrária". Isso será feito num clima de paz, evitando a violência no setor rural. A sua ambição é atingir dez milhões de pessoas, lembrando que já foram expropriados mais de um milhão de hectares de terra.

Divida externa

Se as declarações dos ministros Dílson Funaro, da Fazenda, e João Sayad, do Planejamento, que passaram recentemente por Paris, não haviam sido suficientes para convencer os meios financeiros europeus de que o Brasil não pretende recorrer ao Fundo Monetário após as eleições, o presidente José Sarney com suas afirmações avaliza totalmente a posição de seus ministros. Ele explicou nas duas entrevistas que desde o início o Brasil tem procurado o diálogo entre os países credores e

devedores em dois níveis. O nível financeiro que deve ser discutido entre devedores e credores e o nível político, isto é, o que a dívida representa no contexto da economia mundial, principalmente a dívida latino-americana. Durante seu mandato o Brasil deverá pagar, apenas com o serviço da dívida, cerca de 50 bilhões de dólares. "É evidente" — afirma o presidente — "que não podemos pretender uma situação em que nossa economia vai se afundar por causa do problema da dívida, pois isso seria uma incoerência".

Ele justificou a recusa em assinar acordos com FMI, mesmo reconhecendo que o País é membro do Fundo, lembrando que o Brasil está pagando sua dívida e deve ter liberdade interna para dirigir sua economia como bem entender, tendo acrescentado:

"Se olhamos as fórmulas que foram aplicadas sob controle do FMI, constatamos que elas nada resolveram, ao contrário, agravaram os problemas dos países". Sarney revelou que no passado o FMI mantinha comissões permanentes em Brasília, "aqui mesmo, no interior do Palácio do Planalto, para controlar a economia do País". Ainda sobre o assunto disse que todo governo sério, com grandes objetivos, deve ter a responsabilidade de sua economia e de suas finanças.

Transição

Nas duas entrevistas que concedeu aos jornais franceses, o presidente Sarney deixa claro que seu objetivo é a transição. Quando perguntado como poderia explicar o mistério ou a mudança pelo fato de ter feito sua carreira política ao lado dos militares, sendo agora o homem que conduz e lidera o processo de mudança política e social no País, o presidente Sarney explicou:

"Todo homem é um mistério e o passado é o passado". O importante para Sarney é que o Brasil conseguiu uma transição pacífica de um regime autoritário para um regime democrático, o que corresponde à história e às tradições brasileiras que preferem solucionar seus problemas pelo diálogo e não pela violência. Lembrou que num momento decisivo, ele e seus companheiros assumiram riscos e que sem sua ação jamais seria possível chegar à situação atual. Sarney disse também que jamais pensou chegar à Presidência da República, mas que a tragédia ocorrida com o presidente Tancredo Neves fez com que todas as responsabilidades caíssem nas suas costas. E acrescentou: "Imagine ser informado às três da manhã que às 9 horas você será presidente da República!"